

#20 Bodicita é Essencial – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #20

Revisão: Nea de Castro - maio de 2023

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Bodicita é Essencial

Se vocês olharem este tema de *Bodicita*, eu acho que é um tema super relevante. Eu vejo também muitos diferentes mestres enfatizando *Bodicita*. Sem *Bodicita* não tem solução. Então, eu acho que deveríamos contemplar com cuidado esse tema. É como se, tendo seguido pela Motivação, tendo praticado um pouco de Shamata Pura, Shamata Impura, tenhamos melhorado um pouco a nossa estabilidade. Tenhamos melhorado as relações através de *Metabavana*. Não só pela meditação, mas como a nossa interação social melhorando mesmo, a nossa vida melhora muito.

Na sequência, nós vamos olhando a Primeira Nobre Verdade, a verdade do sofrimento. Vamos entendendo melhor isso. Vamos entendendo as causas [do sofrimento]. Entendendo a liberação do sofrimento. Eu já falei de forma mais ou menos extensa sobre esse tema da liberação. Uma vez que entendemos essa liberação, aí pode ser que surja em nós a aspiração de produzirmos esse efeito. Ou seja, de efetivamente produzir essa liberação para nós e para os outros. Então não é uma coisa, como vimos, automática. A pessoa entende isso, mas ela não entende totalmente. Eu acho que esse ponto teria que ser contemplado com muito cuidado. Contemplar com muito cuidado o porquê se consegue ou não [se] consegue. Eu diria que a questão não está no foco da mente porque a operação da mente tem dois aspectos. Um é o próprio foco. O outro é a base, onde o foco opera. Então a base, por vezes, enfraquece [a aspiração], ela se opõe ao foco. Por exemplo, se nós estamos dentro de um tipo de bolha, aquela instrução que vem, que é uma instrução sobre o foco - faça tal coisa, faça tal outra coisa - a pessoa entende. Mas dentro da bolha, como ela está, aquilo não funciona direito. Aquilo não é algo que brote de dentro dela, e aí a energia não acompanha. E a continuidade da ação não é possível propriamente.

Se estamos dentro das bolhas, mesmo que pareça extraordinário a pessoa atingir liberação, atingir a iluminação, ou, alguma coisa, a pessoa está dentro da bolha. Quais são os impulsos usuais dentro do jogo de um tabuleiro? É dar xeque-mate no outro. É fazer alguma coisa assim. Se a pessoa está ali dentro, os pensamentos recorrentes correspondem aos pensamentos da bolha, eles não são outros. Vocês imaginem, dentro do jogo, a possibilidade do rei fazer paz com outro rei, eles desenvolverem o domínio compartilhado do tabuleiro, de tal maneira que todo mundo vivesse feliz. Aquilo não tem sentido, aquilo não cabe ali dentro, então [imaginem]: pára um pouquinho, vocês não estão cansados? Desde que surgiu esse jogo, as pessoas se opõem e nunca se resolve

nada. Você não gostaria de pensar? Assim, vamos fazer uma paz, vamos equilibrar? Não, não, nós queremos guerra mesmo. Porque dentro daquela bolha não tem outra possibilidade. Não é que nós sejamos seres livres, nós somos seres da bolha. Nós surgimos como seres da bolha. Agora, queremos que seres da bolha tenham pensamentos transbôlhicos, aquilo não é possível. Aquilo não tem como, aquilo é contra a natureza. É tipo assim, tigre vegetariano. Tigre comendo proteína de soja.

Uma vez eu vi uma charge destas; isto fica muito bem para os tibetanos, os tibetanos têm esse apego à carne. Num centro de Dharma eu vi aquilo: o tigre cuspiendo a proteína de soja. É mais ou menos isto. O tigre está dentro da bolha de tigre, queremos que ele pense em proteína de soja, aquilo é meio complicado. Para nós também. Estamos no meio da nossa bolha. Estamos cheios de energias, porque é a energia que se move numa ou outra direção, e vem o Buda e diz: não, agora isso aí não tem muito sentido, vamos atingir a iluminação, a iluminação é possível, isso aí só dá sofrimento. Ainda que a pessoa entenda, dentro da regra do jogo é mais ou menos como tentar convencer a pessoa [num jogo de futebol] de que jogo de futebol é inútil. Vocês estão pisoteando a grama, estão perdendo tempo, isto não vai a lugar nenhum pessoal, vamos pensar assim, nunca ninguém ganha. Os flamenguistas até entendem, não dá nem para confiar em Jesus [risos], na hora mesmo Jesus vai embora [risos]. Então, é muito estranho. Aquilo é muita frustração. Vamos encerrar isso, vamos declarar: pós pandemia não tem mais jogo de futebol, encerramos isso. Ah não, nós queremos este campeonato, por favor.

Então este é um ponto interessante: De onde que surge a nossa fixação no próprio *Samsara*? Onde é que surge a fixação na própria bolha? Ainda que o Buda tenha explicado tudo, os mestres tenham explicado tudo, os mestres tenham atingido corpo de arco-íris, corpo da grande transferência, iluminação completa, tenham dado conselhos, geração após geração. Ainda que esteja tudo alinhado, arrumado, há vinte e seis séculos. E o *Samsara*, bingo, é sempre igual, direitinho como o Buda tinha descrito. Aquilo não vai a lugar nenhum. E aí? Nós vamos fazer o quê? Nós seguimos pelo *Samsara*. Nós seguimos pelo *Samsara* teria que ser entendido que este “nós” é o ser surgido por dentro da bolha, como o rei do jogo de xadrez. O rei do jogo de xadrez faz o quê? Ele anda por dentro do tabuleiro, ele não faz outra coisa. Se olharmos para dentro de nós, como nós surgimos como personagens dos Doze Elos da Originação Dependente, nossos impulsos são todos assim.

Mas só que surgimos de modo coemergente com o mundo. Este é o fenômeno. Como vimos na Terceira Nobre Verdade, a possibilidade da liberação, vimos que este aspecto, este par que surge, que é o mundo, a bolha, e a identidade, este par indivisível, ele surge como uma manifestação luminosa de uma natureza livre. Esta natureza é insubmergível, não termina, não finaliza, não está no tempo. Porém, nós surgimos inseparáveis daqueles mundos. Então, os ensinamentos do Buda são ensinamentos para o personagem que surge dentro da bolha. Ainda que o personagem escute sobre uma natureza livre, não divisível, atemporal, incessantemente perfeita e além de todos os sofrimentos, de todas as flutuações, aquele personagem não cabe a ele. Se fossemos falar na linguagem de Wittgenstein, diríamos que no espaço de possibilidades no qual aquele ser se constitui não tem isso, não há esta possibilidade. Então precisamos de uma coisa muito extraordinária, que é ultrapassar as próprias limitações dos espaços de possibilidades. Isto só vem da natureza livre da mente. Só vem daí.

Nós vamos precisar recuar. Não é uma questão de colocar uma tarefa para o personagem. O personagem não consegue cumprir isto. O personagem vai ficar no caminho. Nós vamos adiante. Naquele quadro do praticante de meditação, que ele vai com o elefante, o macaco, etc, tem uma hora que o macaco fica para trás. O macaco é esta mente. O macaco é a mente da bolha. O macaco, neste momento, somos nós. Nós

somos o macaco. É o que pensa. A mente que vai para todo lado. Este macaco vai ficar para trás. Aquilo é uma situação um pouco constrangedora, porque, afinal, nós nos sentimos este macaco. Mas, em algum momento, nós vamos ganhar liberdade com relação a isto. Então, a mente que substitui a mente do macaco é a *Bodicità*. Este é o ponto. Mas *Bodicità* também não surge como apenas um personagem, um outro personagem, que então segue o caminho. *Bodicità* surge junto com uma visão de mundo. Para o surgimento de *Bodicità* é crucial esta visão de mundo. Se não surgir a visão de mundo, não tem *Bodicità*.

Esta visão de mundo, para surgir, ela tem que ter, com certeza, algum nível de compreensão da vacuidade. E aqui, mesmo que não se tenha um estudo de vacuidade, que não se aprofunde a expressão vacuidade, não se esteja trabalhando especificamente nisto, quando trabalhamos sobre os Doze Elos da Originação Dependente, nós vemos perfeitamente como é que os mundos surgem.[Vemos] como é que as visões surgem, como é que operamos com a mente, e como que as aparências operam e se manifestam. Quando nós entendemos este processo de como que as aparências, enfim, surgem, a vacuidade já é entendida, ela está junto. É dentro desta perspectiva da vacuidade que podemos, efetivamente, imaginar *Bodicità*, podemos imaginar as Terras Puras.

A noção das Terras Puras vem porque nós retornamos a um grau de liberdade onde nós não somos mais o rei, ou a rainha, ou o bispo dentro de um jogo de tabuleiro. Nós temos uma natureza livre que nos permite que nós nos construamos como um *Bodisatva*, ou seja, alguém que se move nascido do lótus, olhando o mundo com outro olhar, que não o olhar comum do tabuleiro. Esta parte é uma parte essencial, porque se não houver essa transformação da energia, nós teremos uma recomendação e teremos um impulso que brota para o personagem, e o personagem não consegue ir até o final do caminho.

Ele é o macaco que vai parar em um certo momento. Ele se despede do praticante e fica para trás. Esta mente que corresponde à mente do *Samsara* é abandonada. E a mente que assume este processo é *Bodicità*. Naturalmente, porque a energia surge, nós temos a sensação de que nós seguimos. Essa sensação é uma sensação indeterminada. Não entendemos muito bem o que é que dá a sensação de existência em nós. A sensação de existência é essencialmente o fluir da energia, e do brilho por dentro do personagem. Aqui, se o personagem se torna *Bodicità*, [caso] se torna um *Bodisatva*, primeiro, segundo, terceiro bhumi, como for, um aspirante a *Bodisatva*, como a energia opera, nós temos a sensação de existência, e nós seguimos. Vamos olhando para o macaco que ficou na beira do caminho, e ele ficou. Nós dizemos: aquela mente, eu não tenho mais. Eu não tenho mais interesse pelas coisas daquele tipo. Estou fazendo outras coisas. Nos damos conta que já deixamos vários macacos pelo caminho. Já tivemos idades diferentes.

Naquele tempo tínhamos objetivos diferentes, tínhamos visão de mundo diferente, aquilo tudo foi ficando para trás, e nós fomos andando. Tem algo que se preserva, que neste momento não entendemos bem o que seja, porque nós mudamos, mas temos uma sensação de continuarmos. Mesmo que não sejamos a continuação da experiência anterior, sejamos uma outra experiência, mas temos uma sensação de continuidade. Esta sensação de continuidade vem do acesso aos referenciais de *Alaya Vijnana* a partir, agora, de uma outra bolha. Quando nós estamos numa outra bolha, olhando *Alaya Vijnana*, ou seja, olhando os referenciais que nós utilizávamos, aquilo parece as nossas memórias, parece o passado, de fato. Mas nós temos uma sensação de existência. Esta sensação de existência, a partir de *Bodicità*, a partir do Nascimento do Lótus, é um tema essencial e insubstituível, se nós quisermos efetivamente avançar. Não há outra possibilidade.

Por quê não há outra possibilidade? Por uma razão simples. *Bodicita* movimenta energia por dentro do caminho, enquanto que uma bodicita teórica não tem este poder. A bodicita teórica vai me dizer: pratique às 5:30 da manhã, e faça isto e faça aquilo, tem todo um planejamento. Mas quando vamos fazer, surgem coisas de todos os lados, de todos os jeitos e então não fazemos. Por quê? Porque a nossa identidade do Samsara, nosso reconhecimento do mundo enquanto as bolhas, que nem nos damos conta que são bolhas, é tão natural, que movimenta a energia de modo tão natural, que nós simplesmente nos movimentamos daquele modo. Então nós temos a sensação de que nós temos a nossa vida, que nós somos tal qual personagem, tal qual pessoa, séria, e nós temos uma janela na qual nós fazemos prática. Então este é o período pré *Bodicita*.

Quando nós surgimos dentro de *Bodicita*, nós sentimos que, como um fluxo constante, a prática se dá em toda a operação mental, em todo movimento, e as nossas ações não têm nenhuma energia dentro do ponto de vista comum. [Elas] só têm energia se houver algum nível de produção de benefício para os outros seres. [Elas] não têm interesse em si. Então esta é a transição que ocorre. Mas esta transição, quando é descrita assim, ela não adianta. Mesmo que se diga “então é assim, eu abandono a energia de um tipo e faço outra coisa”, isto não ocorre porque se nós estamos dentro da bolha, a energia se move pela bolha. É simples, ela não se move pela decisão que se tenha. Se nós resolvermos forçar, andar pela decisão que se tenha, isto não vai resolver. Nós vamos ficar repressivos conosco mesmos e nós vamos nos transformar em repressores. Nós vamos gerar identidades repressivas e repressoras. Nós vamos ter problemas.

E se seguirmos através de um processo repressivo e repressor por um tempo muito longo, se tivermos muita sorte, num certo momento algo ocorre, e nós mudamos a nossa visão, mas se, não tivermos esta transição, nós podemos ter muitas frustrações. Nós podemos ficar amargos e surgem os obstáculos da dúvida e nós vamos ter problemas que nem imaginamos. Este é o ponto. Agora, se nós tivermos a naturalidade do surgimento de *Bodicita*, a Segunda Nobre Verdade se torna natural, todas as outras se tornam um caminho natural. Se nós não tivermos *Bodicita*, a Segunda Nobre verdade, a Terceira Nobre Verdade, são estranhas. O segundo passo do Nobre Caminho de Oito Passos é muito estranho. O terceiro passo, muito estranho. Parece tudo muito forçado, muito difícil. Mas se tivermos *Bodicita*, o segundo passo, o terceiro passo, até o oitavo passo, se tornam naturais, o fluxo de energia movimenta isto.

Como podemos intensificar *Bodicita*? Como podemos fazer surgir *bodicita*? Eu diria que é pela contemplação. Repetida contemplação. Se não conseguirmos nos mover daquele modo, fechamos este circuito. Vamos da Motivação Inicial até o que se esperaria que seja a Motivação *Bodicita*, como primeiro passo do Nobre Caminho de Oito Passos. Vamos circulando deste modo, vamos praticando *Metabavana*, vamos olhando em todas as direções, vamos contemplando os Doze Elos da Originação Dependente, vamos praticando Prajnaparamita nas aparências, vamos praticando Buda da Medicina, e vamos olhando, meditando em silêncio, contemplando exemplos. E, deste modo, vamos avançando como pareça possível. Nós vamos assim. Mesmo que não tenhamos esta compreensão de *Bodicita* clara, nós podemos entrar no segundo passo do Nobre Caminho. Podemos entrar. Na verdade vamos entrando nestas etapas de um modo circular. Entramos, e seguimos de um modo circular. Na medida que vamos avançando, vamos amadurecendo de algum jeito. Vamos tornando mais possível *Bodicita*. Num certo momento, quando isto destrancar, nosso caminho anda bem mais rápido.